



# **O ESPÍRITO DORME NA PEDRA, SONHA NA FLOR E SABE QUE ESTÁ ACORDADO NO SER HUMANO**

## **THE SPIRIT SLEEPS IN THE STONE, DREAMS IN THE FLOWER AND KNOWS THAT IT IS AWAKE IN THE HUMAN BEING**

*Felipe Trindade Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo procurará oferecer algumas reflexões relativas ao papel do Espírito na criação, levando em conta estes novos pressupostos da cosmologia. Na esteira do pensamento de Leonardo Boff procurará observar na evolução da matéria e nas consequentes contribuições do estudo da física quântica, as marcas do Espírito divino e seu propósito, referindo-se sempre à Tradição da Igreja e à teologia bíblica para demonstrar que a via do conhecimento e da fé não são divergentes, mas antes vias que conduzem a um mesmo destino, o mistério da vida.

**Palavras Chave:** Criação, Evolução, cosmogênese, Universo.

**Abstract:** This article will try to offer some reflections on the role of the Spirit in creation, taking into account these new presuppositions of cosmology. In the wake of Leonardo Boff's thinking, it will try to observe in the evolution of matter and in the consequent contributions of the study of quantum physics, the marks of the divine Spirit and its purpose, always referring to the Tradition of the Church and biblical theology to demonstrate that the path of knowledge and faith are not divergent, but rather paths that lead to the same destination, the mystery of life.

**Key words:** Creation, Evolution, Cosmogenesis, Universe.

### **1 INTRODUÇÃO**

O teólogo e filósofo Leonardo Boff (1998) acredita que “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Entretanto é preciso que surjam diferentes pontos para que a realidade possa ser vista sob diferentes matizes. Longe de todos, entender o conhecimento, seja ele qual for,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Bacharel em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Licenciado em Filosofia pela UFSJ e História pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Professor conteudista de Teologia e em cursos de formação para leigos em Minas Gerais. Professor da rede pública de ensino do Município de Madre de Deus de Minas. Email: [philipus2010@yahoo.com.br](mailto:philipus2010@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5665619862860378>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8778-6488>.

tendo como referência a ideia de unicidade, de homogeneidade. O que melhor define a dinâmica da vida é antes a multiplicidade.

O que se segue aqui é o resultado de pesquisas relacionadas ao campo da pneumatologia que baseadas nas contribuições e avanços da ciência atual, buscam entender a evolução do universo como lugar da manifestação dinâmica da presença de Deus. Por isso tenta, à luz dos textos bíblicos e da contribuição dos teólogos, estabelecer uma ponte entre os contributos da ciência e a fé.

Um caminho maravilhoso que de antemão desinstala, deixa perplexo, mas o que há de mais belo senão a capacidade de reconhecer que a palavra última não é definitiva? E que sensação mais arrebatadora senão esta provocada diante da finitude das respostas humanas? Antes de habitar em cada ser humano, esta força de Deus habitava no universo, plenificando de tal forma a possibilidade de existência. Deus não está nem fora, nem acima, mas se faz presença em cada um.

Que implicações estas ideias cosmológicas trazem para a existência humana? É possível uma relação entre a fé cristã e as novas possibilidades trazidas pela cosmologia?

## 2 MÍSTICA E CIÊNCIA: VIAS DE UM CAMINHO

O substrato que moveu o trabalho dos teólogos Leonardo Boff (1938-), bem como de Jürgen Moltmann (1926-2024) e dos demais “desbravadores” deste paradigma ecoteológico é o da complementaridade, da inter-relação. Neste sentido este trabalho quer seguir as pegadas destes homens para desfazer de antemão todo o combate que envolveu os pensadores e a Igreja, nos séculos anteriores, acerca das tentativas de responder às grandes indagações da vida.

Durante muito tempo em nossa história foram elaboradas várias compreensões da realidade que tentaram limitá-la, reduzi-la conceitos imutáveis. O discurso da fé por vezes tentou descrever o céu e toda a realidade divina com muita propriedade, mas sem a devida reverência. Mais do que definir a verdade, a vida caminha na incerteza, na inconstância do mistério que se revela. Mais do que observar e definir, o ser humano é convidado à contemplação. No caminho da vida o calar-se diante do mistério se faz necessário para se descobrir parte dele.

A fé representada pelo seu mais alto grau de união com o Sagrado (mística) se deixa “extasiar pelo fato da existência das coisas e venera Aquele que se revela e se vela atrás



delas” (BOFF,1995, p.222). No fundo, a mística também nasce do assombro e da incapacidade de tentar dizer o indizível, de tentar interpretar o mistério para progressivamente se calar para deixar o mistério dizer por si mesmo. A própria ciência que busca desvendar os segredos do ser, da vida, vai reconhecer num determinado ponto a sua limitação para desenvolver uma resposta aos enigmas vitais. E no que confluem? Segundo Boff, “ambas apontam para a mesma direção: para o mistério em todas as coisas, vislumbrado racionalmente pela ciência e experimentado emocionalmente pela mística como algo belo, lógico e radiante” (BOFF, 1995, p. 222).

### 3 O GRANDE TEATRO CÓSMICO

Feitas as devidas considerações acerca da complementaridade da ciência e da fé, é preciso passar brevemente pelo campo da pesquisa científica para compilar as contribuições acerca da compreensão do homem e do universo que o rodeia. A teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882) conduziu outros estudiosos a perceberem a constante gênese de expansão e dinamicidade do universo. Esta evolução do universo apresentada pelo astrônomo Edwin Hubble (1889-1953) revela que o “big bang” deu início a uma realidade que está em constante mudança:

... Irrompe um pontozinho, milhões de vezes menor do que a cabeça de um alfinete, carregado de energia em ebulição com bilhões e bilhões de graus em calor. Num determinado momento, fora do tempo, esse pontozinho se inflacionou ao tamanho de um átomo e depois de uma maçã. E sem saber por que e como, ele surpreendentemente explodiu (BOFF, 2013, p.178).

No entanto esta explicação tentava demonstrar que a vida surgiu por acaso e que a origem da matéria era a própria matéria. Desde então vários estudiosos se puseram a indagá-la para descobrir o que originou os elementos que propiciaram esta explosão e por que ela se deu. Recentemente, no ano de 2012, os cientistas do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear realizaram uma pesquisa na qual chegaram a constatar o que foi denominado “partícula de Deus”, ou que melhor denominamos “bóson de Higgs”<sup>2</sup>, ou seja, uma energia que incluída

---

<sup>2</sup>BBC NOTÍCIAS BRASIL. Como bóson de Higgs mudou a compreensão do Universo - e “arruinou” a vida de seu descobridor. **BBC**, 2 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62021022>. Acesso em: 03 jun. 2024.



num campo de alta movimentação magnética – com as características do “big bang” – consegue dar origem a matéria.

O que daí se pode concluir é que não se pode afirmar que o mundo veio do nada, pois do nada não se pode vir nada. O mundo provém de uma energia que os cientistas definem como “vácuo quântico”. Esta expressão “vácuo quântico” representa esta energia acima citada, essa possibilidade de originar, de se concretizar. Uma força que dá origem, sustenta e se faz presente em todo ser criado fazendo-o se expandir (GLEISER, 1998).

Este processo de criação não ocorreu de uma única vez, ele continua, o mundo está em contínua criação diante das forças de retração e expansão. O “devir” é o termo mais adequado para situarmos o processo denominado “cosmogênese”, este grande projeto de evolução iniciado há bilhões de anos e em constante realização. O que possibilita esta cosmogênese está expresso em três princípios importantes apresentados pelo matemático e cosmólogo norte-americano Brian Swimme(1992): diferenciação, interiorização e interrelacionalidade. O primeiro diz respeito à gama de complexidades em todas as suas formas. O segundo a capacidade de estabelecer uma maneira de se fazer presente, de se individualizar diante da trama de relações. O terceiro à comunhão, ou seja, à maneira como todos os seres podem estabelecer conexões, relações.

Pelo simples fato de continuar-se, atesta-se a constante organização do universo, a mesma que foi se consolidando e permitiu que há 4,44 bilhões de anos nosso planeta estivesse aqui num determinado momento da história. Para corroborar a teoria da evolução, surgiram teorias baseadas nos estudos de geologia confirmando uma série de mudanças ocorridas em períodos distintos na vida do nosso planeta. Da mesma forma surge a arqueologia que tenta desvendar juntamente com outras ciências a origem do ser humano e reconhece que nós não estivemos desde as origens, a vida humana surgiu num dado momento do processo de evolução, há aproximadamente 200 mil anos atrás.

#### **4 O UNIVERSO: TEMPLO DO ESPÍRITO**

A esta altura é imprescindível perguntar que relação teria Deus com todo este processo sucintamente descrito acima. Algo que imediatamente lança a questão sobre como os cristãos entendem tudo isso diante dos relatos da criação descritos na Bíblia. Para começar é crucial afirmar que o relato bíblico não se trata de uma descrição exata de como a realidade se deu,

até porque se for tomado como referência os relatos da criação, o ser humano não foi a primeira obra criada, como poderia descrever tudo o que aconteceu antes? O autor quis demonstrar de uma maneira sagrada, poética que Deus é a origem de tudo o que existe. É indispensável partir justamente desta afirmação, compreendendo que Deus não só deu origem a tudo, mas acompanha a sua criação, está continuamente com ela.

Listemos três pontos que ajudarão a reconhecer convergências entre o conhecimento científico e a concepção religiosa cristã de criação: o universo provém de uma energia que o sustenta, está em constante criação e por esta energia se encontra interligado num elo profundo.

Pois bem, a ideia de que o mundo provém de uma energia. Este incognoscível, este mistério denominado vácuo quântico é para os cristãos uma manifestação do Espírito da Vida. A este mistério denominado incognoscível que precede o Universo os crentes chamam Deus. E este Deus é percebido pela tradição cristã como Trindade Santa, uma rede de relações na qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo se mostram ao ser humano com características próprias de cada um deles, irradiando no fim a força divina própria a eles. É próprio de Deus a comunhão de amor e a gratuidade e disto o sabemos por que Ele se revelou e se revela continuamente às suas criaturas imprimindo na história os seus rastros divinos bem como a capacidade da humanidade errante voltar-se a Ele.

Num ‘momento’ de sua plenitude, Deus decide criar um espelho no qual pudesse ver-se a si mesmo, intenciona criar companheiros de sua vida e de seu amor para a grande festa da comunhão. Criar é decair, quer dizer, permitir que surja algo que não seja Deus nem tenha as características da essência de Deus (absoluta simetria, vida sem entropia, coexistência de todos os contrários, infinitude, abertura infinita para sempre novas interações). Algo decaí daquela originária plenitude dinâmica... Vem de Deus sem ser Deus, mas que depende de Deus, leva as marcas de Deus e aponta para Deus. (BOFF, 1995, p.223,224).

Em razão desta criação comunitária toda a realidade criada, tem as características daquele que criou, como o artista que ao esculpir sua obra se exprime nelas, deixa entrever que sua arte diz muito de si ao se externar. Não cria por acaso, mas traz em si um objetivo de apresentar algo diferente sem perder os aspectos fundantes daquele que a molda.

Tudo possui uma profundidade misteriosa que vem do Pai, ou seja, uma complexidade que está na existência humana e o ultrapassa indicando sempre algo mais, possibilitando a condição de homogeneidade, de definição estável. Possui também uma dimensão de luz e sabedoria vinda do Filho que em cada ser criado o capacita a ambientar-se,

a se situar em meio à realidade, mesmo diante dos desafios apresentados. Nos animais permitindo que se perpetuem de acordo com as condições, protegendo-os dos inimigos e aguçando o instinto de subsistência; nas plantas que buscam, em meio à adversidade, a luz do sol e a força da água; e nos seres humanos dando a capacidade de conhecer, de modo singular, a realidade por meio da razão e de reconhecer o mistério da vida relacionando-se com o Criador.

Tudo possui ainda a força de comunhão e de amor do Espírito Santo. Este na dinâmica própria da Trindade estabelece a união entre o Pai e o Filho, é o amor que segundo Agostinho (1994) une o amante ao amado. É próprio do Espírito a união na Trindade e fora dela. Assim como o Espírito é este vínculo de amor que une a Trindade, Ele nos une a Trindade possibilitando a toda criatura a relação com seu Criador como também nos une a nós enquanto grande comunhão reunida. É o Espírito que possibilita reconhecer na obra do universo o elo que liga cada criatura à outra num processo indissolúvel de complementaridade, de interdependência.

Enquanto Cristo, o Filho de Deus, é chamado de origem da graça, e Deus pai a origem do amor, é a comunhão que é designada como a própria essência eterna do Espírito. O Espírito não somente estabelece comunhão consigo mesmo, mas ele próprio vem da comunhão com o Pai e o Filho, e a comunhão em que ele entra com os fiéis corresponde à sua comunhão com o Pai e o Filho, e neste sentido é uma comunhão trinitária. O Deus uno e trino, na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é Ele próprio uma comunidade aberta e acolhedora na qual a criação inteira encontra espaço. (MOLTMANN, 2010, p.208).

O Espírito é a força de Deus que se manifesta com grande intensidade na obra da criação. Nas Sagradas Escrituras e na Tradição da Igreja se encontra a figura do Espírito como doador de vida. Ele é o sopro de Deus que agita a superfície das águas (Gn 1,1), é o hálito de vida insuflado nas narinas do homem que o tornam ser vivente (Gn 2,7), é o sopro pelo qual tudo é criado e sem o qual tudo volta ao pó (Sl 104), é o Espírito que penetra e dá vida aos “ossos ressequidos” (Ez 37). Assim ele dá vida e renova todas as coisas. É o Espírito que a seu tempo suscita os seres segundo a própria evolução, é o Espírito que nos longos processos de formação do universo pôde restaurar a vida em meio às grandes destruições. É o Espírito que fez emergir na Terra a vida em todas as suas manifestações, como também dinamiza cada ser em sua condição de vivente. É o sopro de vida que a tudo sustém e direciona a fim de que a vida adquira sua perenidade. Refazendo inclusive os homens depois de grandes guerras e calamidades (BOFF, 2013).

Espírito que agraciou Maria de Nazaré e fecundou o ser por excelência: Jesus Cristo, no qual todas as coisas encontram o termo de sua existência. Assim como deu origem, acompanhou toda a caminhada de Jesus permanecendo junto a ele nos mais solitários dramas da sua existência terrena para chegar ao termo de sua encarnação: reconciliar tudo em Deus. O pai ressuscita o filho na força do Espírito para levar a termo este grande projeto, “pois nele aprouve Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus” (Cl 1,19-20). Todo o universo tende a ser, com Cristo, pleno. É o Espírito que conduz este constante impulso de plenitude que está em andamento.

Este universo não foi criado de uma única vez com todas as características integrais, mas evolui, está em constante criação. Não foi criado de uma maneira totalmente acabada e definida, pois está em constante mudança. Esta cosmogênese do mundo está associada a esta dimensão escatológica para à qual toda a realidade tende. O próprio “devir” encaminha a todos para uma compreensão final no qual todas as coisas atingirão seu curso, não tendo em vista uma destruição, mas a esperança anunciada de um novo céu e de uma nova terra (Ap 22, 1-5).

Tanto o universo quanto nós estamos ainda em processo de gênese. Ainda não completamos nosso percurso pelo tempo afora, rumo ao futuro, mostrando o que o Espírito escondeu em nós e por sua força vai, passo a passo, revelando-se. Por isso, o Espírito enche todos os tempos: está no início, inaugurando a criação, está no meio, acompanhando todas as etapas de ascensão e estará no fim, quando todos os seres alcançarão aquela plenitude intencionada pelo Mistério (BOFF, 2013, p.191).

É neste processo que se percebe a ação de Deus, não como um agente externo que tudo orienta, ou tudo deixou guiar sob seu próprio caminhar. Ele está dentro! Deus não é aquele que existe, é aquele que “in-xiste” em cada criatura possibilitando seu crescimento, acompanhando sua contração e levando-a à plenitude. Deus não está somente nos seres humanos, mas em toda a criação, “gemendo e chorando em dores de parto” (Rm 8,22). O Espírito habita entre os seres humanos assim como a “shekináh”, foi entregue a toda existência por Cristo no momento sublime da oferta de sua vida ao Pai (Jo 19,30). Ele também armou sua tenda entre nós predispondo toda a criação para Cristo, estando junto a cada uma das criaturas nos seus processos de drama e redenção.

...somos formados com os mesmos elementos físico-químicos que maduraram no coração das grandes estrelas vermelhas e nas supernovas. Todos possuímos o mesmo alfabeto genético de base: 20 aminoácidos e as quatro bases nucleicas. Quer dizer, todos somos parentes, irmãos e irmãs uns dos outros, formando a grande

comunidade de vida, porção da comunidade terrenal e cósmica (BOFF, 2013, p.185).

A comunhão do universo aponta justamente para esta comunhão própria de Deus realizada pelo Espírito. Sendo criado pela arte dos encontros, o próprio universo carrega em si esta nobre característica como que recordando a vocação humana ao respeito e a integralidade. Por isso tal comunhão reforça os laços de unidade com toda a obra criada reforçando ainda mais os protestos contra a exploração predatória da natureza que rompe com essa mística da obra criadora. O imperativo do respeito com toda criatura irrompe como um chamado entranhado em cada ser humano. Esta comunhão transcende os aspectos ecoteológicos e chega, sobretudo, ao plano da ética. Não poderia haver espaço para qualquer tipo de preconceito e exclusão entre os seres humanos. Cada sofrimento causado por preconceito, ou mesmo pela desigualdade, que, privilegia alguns em detrimento de muitos, é um grito de indignação que ecoa no universo, chegando ao Criador como reconhecimento da recusa humana à sua vocação mais original.

## 5 UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES

Os elementos até aqui apresentados sobre as descobertas científicas e a maneira como a teologia recentemente reflete e acolhe estas pesquisas produzem uma forma mais profunda de perceber o fenômeno da vida e da fé. Tudo isso é acolhido no plano da fé cristã como um grande crescendo da revelação divina que gradativamente vai possibilitando perscrutar outros horizontes ainda não percebidos. É crucial reconhecer que esta concepção de cunho ecoteológico traz alguns desafios para a cultura reinante.

O primeiro desafio que se apresenta é romper com o antropocentrismo presente na maioria dos saberes estabelecidos. Grande parcela da cultura ocidental sempre insistiu em elencar a beleza da criação, tendo a vida humana como primor. O ser humano dá nome a tudo o que o cerca e quer que a realidade responda a seus questionamentos e caminhe segundo leis e critérios atribuídos a ela. A ideia de senhorio, de domínio, de transformação da Terra vem sendo uma expressão marcante do capitalismo desde suas origens.

Não sem razão Max Weber (1864-1920) reconhece a força propulsora da fé em sua obra sobre “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Contudo, há estudos como o de Philippe Simonnot (2005), economista francês, reconhecendo que não haveria a ideia de



senhorio sem a grande contribuição da interpretação do Gênesis realizada pela teologia cristã. Interpretação encontrada em Hugo de São Vítor (1096-1141), Alexandre de Hales (1180-1245) e na concepção do eminente Tomás de Aquino (1225-1274). Para tentar desfazer possíveis enganos, recentemente o Papa Francisco, valendo-se de teólogos e de toda uma reflexão junto com a Igreja, redige um belíssimo parágrafo em sua Encíclica expressando que:

Não somos Deus. A Terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a dominar a terra (Gn1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja... Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: ‘nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes’(Lv25, 23) (FRANCISCO, 2015, p.46).

Na verdade, como exposto, o próprio texto bíblico (Gn 1,1-25) revela que o ser humano não é o centro do universo. Embora esta verdade já fosse constatada em nível de conhecimento astronômico, não o foi ainda em nível existencial. Ainda há uma concepção de que tudo está à disposição humana para descobrir, desvendar e usufruir de forma irrestrita. A insistência em uma visão de superioridade da raça humana continua representando um risco muito grande à vida do planeta. Esta insistência é nitidamente percebida nos processos realizados pelos grandes meios de produção que continuam defendendo indiscriminadamente o progresso sem a devida preocupação com os recursos vitais.

O segundo desafio a ser enfrentado é o cuidado com a criação como obra amada e querida por Deus. A questão ecológica tem surgido com muita nitidez nestes tempos, devido aos apelos de tantos grupos e instituições. Infelizmente alguns fundamentam este discurso apenas em vista do risco de extinção da humanidade. A natureza rica em variedade e multiplicidade precisa ser respeitada pelo que é, pelo seu valor irrenunciável e não somente porque o ser humano corre o risco de levar sua existência a termo. A solução de boa parte deste problema está nítida: é preciso romper com esta lógica absurda de produção em massa que não respeita o ciclo natural da vida. De grande riqueza e ensinamento são os tempos festivos do povo judeu, como o jubileu, o sétimo ano de descanso das atividades, o próprio “Shabat” semanal que recorda o respeito pelo ritmo natural da vida. Algo que “procurou assegurar o equilíbrio e a equidade nas relações do ser humano com os outros e com a terra onde vivia e trabalhava” (FRANCISCO, 2015, p. 49).



Por fim, o terceiro desafio consiste na capacidade de nos reconhecermos como uma imensa rede de relações. Talvez o maior pecado do ser humano seja a soberba, a autossuficiência. Isso é difícil até em nível de relações humanas: o racismo que exclui o diferente, a busca pelo enriquecimento em detrimento da miséria de outros, a falta de diálogo entre os grupos divergentes na política, a defesa da verdade absoluta em contraposição ao extermínio do diferente, e por fim a falta de união dos cristãos. A realidade humana ainda não compreendeu o quanto a dinâmica da Santíssima Trindade tem para ensinar. A Trindade revela a igualdade e a fraternidade profunda que permite o aprimoramento sem o prisma da inveja e do individualismo.

Há um longo a caminho a percorrer, mas nem tudo está perdido. A fé e a disposição para o bem comum ainda brilham como um farol em meio às nuvens da incerteza e do desalento, afirmando que “não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo de nossos corações” (FRANCISCO, 2015, p.120).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida levando em conta as provocações realizadas pelo Teólogo Leonardo Boff em seu livro sobre o Espírito Santo. Este livro foi parte de uma das leituras idealizadas na disciplina de Pneumatologia do curso de Teologia. O espanto e a admiração foram tremendos. Desde então foi se moldando a possibilidade de escrever um artigo como possibilidade de entrar em sintonia com uma das temáticas abordadas: o Espírito Santo e as pesquisas atuais sobre a origem e desenvolvimento do Universo.

Posto isto, as páginas deste escrito foram tomando forma para tentar estabelecer conexões entre o Espírito Santo, e por que não dizer, a Trindade Santa, tal como revelada aos cristãos, numa possível tentativa de relação com as pesquisas mais recentes acerca da origem da vida. O tumulto causado pela divulgação da pesquisa sobre o “bóson de higgs” havia sido espantoso. Diversos meios de comunicação divulgavam reportagens acerca da temática e muitas das vezes relacionando-a com a religião, como se tal descoberta tivesse encontrado a resposta definitiva sobre a origem do universo pondo em suspenso qualquer discurso religioso. Era como se a mensagem religiosa tivesse sido desmascarada, inutilizada diante daquilo que alguns denominavam partícula de Deus.

Contudo, este trabalho tentou demonstrar, através da leitura de grandes nomes como Leonardo Boff (1938...), Moltmann (1926-2024) e Francisco (1936...), que pesquisas já estavam em andamento reconhecendo o contributo da ciência e sua conexão com a dimensão da fé. A descoberta que demonstrou a origem do universo por meio da energia foi interpretada em estreita conexão com as verdades da fé cristã que apontam para a Criação divina por meio de seu espírito. O espírito que pairava sobre as águas e que esteve em cada momento da criação. Na verdade, como aquele que está em cada momento da criação visto que o universo está em constante mudança, em constante devir, e a cada instante, novos corpos galácticos tomam forma, vidas irrompem enquanto outras fenecem. É a arte da vida impressa pela perícórese divina.

Espanto? Medo? Perturbação? Jamais. A ciência cumpre seu objetivo ao realizar pesquisas e tentar descobrir a origem das coisas, a lógica de seu funcionamento, entre outras tantas perguntas ainda não respondidas. Quanto à fé, esta busca também respostas para as inquietações humanas, ou ao menos arroubos de esperança e consolo, movidos pela emoção e pela razão. Ambas não podem ser encaradas como inimigas ou opositoras. Cada uma cumpre uma função sublime na existência humana e ambas apontam para a vida em sua irrupção misteriosa.

Estas descobertas são também oportunidades para o ser humano rever sua postura frente à realidade da vida. Assim como os estudos da natureza demonstraram que a Terra não é o centro do universo, esta concepção cosmológica procura demonstrar que a vida humana é parte integrante de uma teia de relações e não o centro da existência. Se Deus habita cada ser humano, ele está presente em cada parte da obra da criação. Se ele quis o ser humano, ele também desejou cada criatura criada e cada uma delas ocupa uma importância dentro da dinâmica da vida. Não deve haver mais espaço para superioridade, para planos escusos de dominação, de depredação e extermínio. Esta energia presente no universo é quebrada toda vez que qualquer vida é desprezada, destruída, gerando desequilíbrios.

Ainda bem que esta energia que move o universo continua a suscitar momentos de leveza e esplendor no qual os seres possam reconhecer, ainda que parcialmente, que o “espírito dorme na pedra, sonha na flor e sabe que está acordado no ser humano” (BOFF, 2013, p. 190).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Tradução e notas de Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

BBC NOTÍCIAS BRASIL. Como bóson de Higgs mudou a compreensão do Universo - e “arruinou” a vida de seu descobridor. **BBC**, 2 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62021022>. Acesso em: 03 jun. 2024.

**BÍBLIA** de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **O Espírito Santo**: fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCISCO. **Laudato Si'**: carta encíclica do Santo Padre sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015.

GLEISER, Marcelo. A Cosmologia e a Origem da Matéria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 set. 1998. Ciência. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe20099807>. Acesso em: 3 jun. 2024.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Tradução por Carlos Almeida Pereira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SWIMM, B.; BERRY, T. **The Universe Story**. São Francisco: San Francisco Harper, 1992.

SIMONNOT, Philippe. **Les papes, l'église et l'argent**: Histoire économique du christianisme des origines à nos jours. Paris: Bayard, 2005.

*Recebido em: 9 de junho de 2024*

*Aprovado em: 5 de julho de 2024*

